

28 AGO 1995

Franklin Martins

■ DE BRASÍLIA



Temporada de erros

Por onde anda aquele Governo Fernando Henrique que terminou o primeiro semestre fazendo picadinho de seus adversários? Onde foi parar o decantado rolo compressor do Palácio do Planalto que conquistou vitória sobre vitória nas votações das emendas constitucionais da Ordem Econômica? Não estão mais à vista. Perderam-se ao longo das últimas semanas.

Que não se atribua a responsabilidade por esse sumiço às bruxas que, na política brasileira, costumam passear à solta no mês de agosto. As terríveis senhoras andam comportadas e não têm culpa no cartório. Que não se busque tampouco na mudança o dedo da oposição. Ela continua tão desarvorada como antes, incapaz de fazer mal a uma mosca. Justiça seja feita: o mérito é basicamente do presidente Fernando Henrique, que não precisou da ajuda de ninguém para deixar escorrer entre os dedos o bom momento que o Governo vivia. Fernando Henrique mostrou que é gente que faz.

Ou deixa de fazer. Esperava-se que ele aproveitasse o recesso parlamentar de julho para acertar os últimos detalhes das reformas tributária e administrativa, de modo a enviá-las ao Congresso logo nos primeiros dias de agosto. Não foi isso que ocorreu. As voltas com nada menos de quatro viagens internacionais em julho, o presidente não se pode concentrar nos assuntos internos e dirimir as divergências dentro de sua equipe. Assim, quando o Legislativo retomou seus trabalhos, as propostas de emendas não estavam prontas. O Congresso ficou sem pauta e o Executivo perdeu a iniciativa.

Logo em seguida veio o episódio Dallari. Era um assunto para ser liquidado em poucas horas, como o presidente logo percebeu. No entanto, se arrastou por mais de uma semana. Fernando Henrique acabou por ceder aos que queriam que o então secretário de Acompanhamento Econômico, mortalmente ferido, permanecesse no cargo para se defender das acusações. O tempo não dissolveu as denúncias que, ao contrário, acumularam-se. O mau cheiro do morto-vivo empestou o ambiente, mas o Governo, lealdadíssimo, não tomou providência alguma. Ao final, saiu com a imagem trincada.

Deu-se, então, a trombada entre o presidente e o senador Antônio Carlos Magalhães em torno da intervenção no Banco

Econômico — uma trapalhada como há muito não se via em Brasília. Em termos técnicos, o caso rende até hoje e não se sabe como ficarão o banco e seus correntistas. Em termos políticos, porém, o estrago é conhecido: as relações entre Fernando Henrique e um de seus mais poderosos aliados ficaram seriamente abaladas, a base parlamentar do Governo foi desestabilizada e a imagem do presidente saiu arranhada.

Finalmente, na última semana, o Governo enviou ao Congresso as emendas das reformas tributária e administrativa. Apesar da longa gestação, as propostas trouxeram a marca da improvisação. Novidades, como a possibilidade de cobrança de empréstimo compulsório para restringir o consumo, foram introduzidas na última hora. Os governadores e partidos que apóiam o Governo, que não sabiam de nada, reagiram com irritação. Menos de 48 horas depois, o Palácio do Planalto lançou ao mar a idéia do compulsório. Se era um "bode" — dificuldade artificialmente colocada num projeto destinada a cair na mesa de negociações, simulando concessão — foi dos mais breves da História.

Assim, em poucas semanas, de erro em erro, enfraqueceu-se o Governo. Sem dúvida, continua muito mais forte do que a oposição, mas está menos forte do que antes. Além disso, as batalhas do segundo semestre tendem a ser muito mais complexas do que as do primeiro. Ao Governo não bastará desfraldar bandeiras e apontar rumos, como fez na discussão da Ordem Econômica, quando o confronto ideológico praticamente eliminou nuances e posições intermediárias. Agora, os temas exigirão penosas negociações e propiciarão o surgimento de propostas conciliatórias. Parlamentares governistas ficarão, aqui e ali, contra as posições do Planalto, enquanto oposicionistas poderão, em determinadas ocasiões, se converter em aliados. Será um tempo onde os vários tons de cinza, e não o preto no branco, predominarão no Congresso.

Atravessar esse terreno movediço será um desafio para Fernando Henrique. É bom que ele fique bem atento e não caia na tentação de achar que a batalha está ganha por antecipação. Há muita gente, até entre seus aliados, torcendo para vê-lo tropeçar na pose e dar com a cara no chão.